

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

Folha de São Paulo

Class.:

Data:

30.09.84

Pg.:

**Balbina ameaça
reserva indígena,
diz missionário****MEMÉLIA MOREIRA**

Da Sucursal de Brasília

A hidrelétrica de Balbina, cujo funcionamento está previsto para 1988, inundará todo o território tradicional da confederação indígena Waimiri-Atroari, no norte do Amazonas e sul de Roraima. A denúncia foi feita esta semana pelo missionário Egidio Schwade, através de documento enviado às entidades internacionais de defesa aos índios.

No documento, o missionário afirma que a simples presença de trabalhadores da Eletronorte (empresa encarregada da construção da hidrelétrica) "empurrou os índios para fora de seu habitat e nenhum levantamento antropológico ou etnológico sério foi feito para determinar se há índios e quais os lugares que eles mais frequentam para caçar e pescar, enfim, qual a sua dependência da área a ser inundada".

O documento afirma que "embora o futuro reservatório de Balbina tenha uma dimensão duas vezes e meia maior do que o lago de Tucuruí, a produção de energia será menos de quatro por cento. A eletricidade de Balbina terá um preço superior a quatro vezes o preço da energia produzida em Tucuruí. E avançando mais 70 quilômetros na mata, até o rio Jatapu, a Eletronorte poderia construir duas hidrelétricas, ambas com produção energética bem superior a Balbina, com um reservatório de dimensões menores e sem o custo social de Balbina. Então por que se optou por Balbina? Para prejudicar os índios que representam, enquanto existirem, uma ameaça ao Estado etnocêntrico?", indaga o missionário.

Balbina dista 146 quilômetros em linha reta de Manaus, direção norte. O projeto original era de que a hidrelétrica entraria em funcionamento em dezembro de 85. O prazo foi posteriormente prorrogado para abril de 87 e mais recentemente para 1988. Como Tucuruí, ela é financiada através de um programa de investimentos conjuntos Brasil-França e seu custo total foi orçado em 833 milhões de dólares.

De acordo com o relatório elaborado pelo missionário, essa hidrelétrica provocará outros problemas, "além dos extermínio dos índios". Entre os problemas, o documento cita as questões de meio ambiente, com poluição do ar, devido à putrefação das árvores que produzem mau cheiro sulfúrico "a centenas de quilômetros".

"A barragem — continua o relatório — vai aumentar o número de focos de reprodução do mosquito da malária e leishmaniose, pois como se trata de um terreno plano, milhares de quilômetros quadrados se tornarão o terreno ideal para a reprodução do anofelis, transmissor da malária".